

ENTRE REVELAÇÕES



Caderno de Estudos

Apocalipse 2:10

Os dez dias, a perseguição e a coroa da vida

ESTUDO Nº 030 · 404 VERSÍCULOS EM 404 DIAS

Leia primeiro. Assista depois. Guarde para sempre.

✦ Onde paramos

No último estudo, Jesus disse à igreja de Esmirna a frase que vira a régua: “conheço a tua pobreza — mas tu és rico”. Vimos a pressão que aquela comunidade sofria, as causas concretas da miséria dela e o contexto legal que transformava uma denúncia em risco de morte.

Hoje o versículo continua exatamente de onde parou — e vai mais fundo. Jesus vai dizer o que está por vir: prisão, provação, tribulação. E vai colocar um prazo estranho no meio da frase: **dez dias**.

Este caderno é maior que os anteriores, e há uma razão: para entender o peso do que Jesus diz aqui, a gente precisa entrar na história. Vamos conhecer Policarpo e o documento que contou a morte dele; vamos avançar dois séculos e entender a Grande Perseguição que começou em 303; vamos conhecer Eusébio de Cesareia, que estava vivo quando aquilo aconteceu; e vamos examinar, com calma, as quatro maneiras principais de entender os “dez dias”.

E vamos fazer isso com uma regra, do começo ao fim: **separar o que a Bíblia diz, o que a história mostra e o que já é interpretação**. As três coisas têm valor. Mas não são a mesma coisa.

✦ Como usar este caderno

Este caderno é para todo mundo: para quem nunca estudou o Apocalipse, para quem sempre quis entender e achou difícil, e para quem já conhece o livro e quer ir mais fundo. Você não precisa saber nada antes de começar — cada nome, cada palavra e cada data vêm explicados.

- ✦ **Ore.** Faça a oração de abertura ou converse com Deus com as suas palavras.
- ✦ **Leia o versículo.** Devagar, duas vezes. Se puder, em voz alta.
- ✦ **Estude.** Sublinhe, marque e escreva nas margens. Este caderno é seu.
- ✦ **Anote.** No fim há uma página reservada para o que Deus falou com você.
- ✦ **Ore novamente.** Termine conversando com Deus sobre o que aprendeu.

Se em algum momento o estudo parecer denso, respire e siga. As últimas páginas trazem um resumo, uma lista de fontes e perguntas para pensar — dá para voltar quantas vezes quiser.

✦ Oração de abertura

Senhor Jesus, obrigada porque Tu não escondes de mim o que vem pela frente. Dá-me coragem para olhar de frente o que Tu já olhaste, e fé para confiar que nenhuma dor que Tu permites tem a última palavra. Ensina-me a fidelidade que não depende do tamanho do custo. Em teu nome, amém.

✦ O versículo de hoje

APOCALIPSE 2:10

“Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar alguns de vós na prisão, para serdes postos à prova, e tereis tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida.”

Almeida Revista e Atualizada (ARA)

O versículo tem cinco movimentos: um consolo, um aviso, um propósito, um prazo e uma promessa. Vamos por partes.

✦ Palavras que ajudam a entender

- ✦ **Diabo** — do grego *diábolos*, “aquele que lança acusações”, caluniador. É o mesmo sentido de “Satanás”, que vimos no versículo 9: acusador, adversário.
- ✦ **Postos à prova** — do grego *peirázō*: testar, submeter a exame. A mesma palavra pode significar “tentar” (no mau sentido) ou “provar” (no sentido de verificar a resistência). Aqui é o segundo.
- ✦ **Tribulação** — *thlipsis*, a palavra do versículo 9: pressão, esmagamento.
- ✦ **Coroa** — *stéphanos*: a grinalda de vitória entregue ao vencedor; não a coroa de rei (que em grego é *diádēma*).
- ✦ **Mártir** — do grego *mártys*, “testemunha”. Só depois a palavra passou a significar quem morre pela fé; na origem, é quem testemunha.
- ✦ **Édito** — ordem oficial emitida por uma autoridade do governo romano.
- ✦ **Bispo** — do grego *epískopos*, “supervisor”: no contexto dos primeiros séculos, o líder responsável pela comunidade cristã de uma cidade.
- ✦ **Historicismo** — modo de interpretar as profecias de Daniel e do Apocalipse entendendo que elas descrevem acontecimentos que se desenrolam ao longo da história.

✦ 1. “Não temas as coisas que tens de sofrer”

Repare no que Jesus *não* diz. Ele não diz “não tenham medo, porque nada vai acontecer com vocês”. Ele diz: “não temas as coisas que **tens de sofrer**”.

Ou seja: alguma coisa estava chegando. Jesus sabia — e não escondeu deles.

Isso vale ser lido devagar, porque contraria uma expectativa comum. A gente costuma imaginar que, se Deus está conosco, o sofrimento não chega. Não é essa a promessa feita a Esmirna. A promessa não é ausência de dor: é presença dentro dela.

E há uma delicadeza no detalhe: as duas palavras “não temas” não são novas neste livro. João já as tinha ouvido, no capítulo 1, quando caiu como morto diante da visão e Jesus pôs a mão direita sobre ele e disse: “Não temas; eu sou o primeiro e o último” (Apocalipse 1:17). A mesma mão que levantou João agora se estende à igreja dele.

*Jesus não promete a Esmirna uma vida sem sofrimento.
Ele promete que o sofrimento não terá a última palavra.*

✦ 2. “O diabo está para lançar alguns de vós na prisão”

Aqui alguém pode perguntar: como assim o diabo vai colocar alguém na prisão? Não significa que Satanás apareceria fisicamente e levaria um cristão para a cadeia. Quem prendia eram seres humanos: autoridades, guardas, funcionários do governo.

O que Jesus está mostrando é que aquele conflito tinha também uma dimensão espiritual. As pessoas executavam a perseguição; mas por trás da tentativa de quebrar a fidelidade daqueles cristãos, o Apocalipse enxerga a atuação do acusador. É a mesma lógica do versículo anterior: importa de quem é a obra que está sendo feita.

E há um detalhe que muda a temperatura do texto: “**alguns dentre vós**”. Não “todos”. Alguns.

Agora se coloque naquela sala. A carta está sendo lida em voz alta. E Jesus diz que *alguns* dali serão presos. Talvez pessoas que você conhece. Talvez pessoas sentadas ao seu lado, ouvindo a mesma carta. Ninguém sabe quem.

✦ 3. “Para serdes postos à prova”

Jesus diz para que a prisão serviria: para que fossem *postos à prova*.

Pense numa ponte. Alguém pode olhar para ela e dizer: “essa ponte é forte”. Mas uma coisa é dizer que ela é forte; outra é colocar peso sobre ela. O peso não cria a resistência — ele revela se ela existe.

Enquanto seguir Jesus não custa nada, é fácil dizer “eu sou fiel”. A pergunta aparece quando custa: quando custa a posição, a liberdade, a segurança. Quando alguém diz: “abandone sua fidelidade a Cristo e você sai daqui hoje”.

Vale notar quem está por trás de cada verbo. O diabo lança na prisão; mas o propósito — “para serdes postos à prova” — está sob outro controle. Nada ali acontece fora do alcance de Deus. É a mesma estrutura que aparece no livro de Jó: o acusador age, mas dentro de limites que não foi ele quem definiu.

✦ 4. “E tereis tribulação de dez dias”

Chegamos à expressão mais discutida do versículo. E aqui a nossa regra vale mais do que nunca: vamos ver as leituras possíveis sem transformar nenhuma delas numa frase que o texto não disse.

Primeira leitura: dez dias eram dez dias

A interpretação mais simples é exatamente o que está escrito. Um período real e curto de tribulação.

É perfeitamente possível. O limite dessa leitura é histórico: não temos nenhum registro daquela igreja dizendo “a perseguição começou neste dia e terminou dez dias depois”. Não há informação suficiente para identificar quais teriam sido esses dez dias. O que não torna a leitura errada — apenas não verificável.

Segunda leitura: um sofrimento que tem limite

Muitos entendem que os dez dias servem principalmente para mostrar que aquela tribulação seria **limitada**.

Pensa na sequência: Jesus acaba de dizer que eles vão sofrer — e imediatamente coloca uma medida naquele sofrimento. Dez dias. Isso não vai durar para sempre. Existe um fim, e ele já está marcado.

Essa leitura combina perfeitamente com a primeira ordem do versículo: “não temas”. O sofrimento pode chegar, mas ele não tem poder infinito. Repare também no contraste dentro da própria frase: a tribulação dura “dez dias”; a coroa é “da vida”.

A tribulação tem prazo.

A promessa, não.

Terceira leitura: a lembrança de Daniel

Antes de mostrar os dez dias de Daniel, é preciso lembrar de uma coisa importante: **João já vinha usando imagens do livro de Daniel**. Isso não começa aqui.

No capítulo 1, quando João vê Jesus com os cabelos brancos como alva lã, como neve (Apocalipse 1:14), ele está usando a mesma descrição que Daniel deu do *Ancião de Dias* — uma expressão que aponta para a eternidade e a majestade de Deus, e que aparece numa visão em que Ele surge com vestes brancas como a neve e cabelos como lã pura (Daniel 7:9).

E há mais: João diz ter visto “um semelhante a filho de homem” (Apocalipse 1:13) — a mesma expressão da visão em que Daniel vê alguém como Filho do Homem vindo com as nuvens do céu (Daniel 7:13). Poucos versículos antes, João já havia escrito: “eis que vem com as nuvens” (Apocalipse 1:7).

Ou seja: Daniel já está no pano de fundo do Apocalipse muito antes do capítulo 2. E é por isso que os “dez dias” ficam interessantes — porque existe, no livro de Daniel, exatamente uma prova de dez dias.

Quem era Daniel? Daniel viveu muitos séculos antes de João. Na época dele, Jerusalém foi atacada pelo Império Babilônico, uma das grandes potências daquele mundo. Quando os babilônios conquistaram Judá, alguns jovens judeus foram levados para viver longe da sua terra. Entre eles estava Daniel, junto com três jovens que ficaram conhecidos pelos nomes babilônicos Sadraque, Mesaque e Abede-Nego.

Eles agora estavam dentro de outro império, outra cultura, outra religião, outro rei. O governo babilônico queria prepará-los para servir na administração do reino: aprenderiam a língua e a cultura locais e receberiam alimentos da mesa do rei.

Só que Daniel decidiu não se contaminar com aquilo. Conversou com o responsável por eles — que ficou preocupado, porque, se aqueles jovens ficassem mais fracos que os outros, ele seria responsabilizado diante do rei. Então Daniel propõe um teste:

✦ **A prova de dez dias, em Daniel**

“Experimenta, peço-te, os teus servos dez dias: e que se nos deem legumes a comer e água a beber.” (Daniel 1:12)

“E, ao fim dos dez dias, o seu aspecto pareceu melhor; estavam eles mais nutridos do que todos os jovens que comiam das finas iguarias do rei.” (Daniel 1:15)

Agora olhe a semelhança. Em Daniel temos: servos de Deus vivendo debaixo de um império que não adorava o Deus de Israel; eles são colocados à prova; a prova dura dez dias; e eles precisam permanecer fiéis.

Em Esmirna: cristãos vivendo debaixo do Império Romano; Jesus diz que alguns deles serão colocados à prova; fala de dez dias; e ordena que permaneçam fiéis.

Não é como se alguém estivesse pegando Daniel aleatoriamente e tentando encaixá-lo no Apocalipse. Filho do Homem, nuvens, cabelos como lã — as imagens de Daniel já estavam ali. Então é possível que, ao escrever sobre serem postos à prova e sobre dez dias, João esteja de novo levando seus leitores a lembrar de Daniel.

É possível. O texto não diz “esses dez dias são os dez dias de Daniel”. Mas, se a lembrança estiver mesmo ali, a mensagem é linda: Daniel foi provado dentro de um império estrangeiro e permaneceu fiel; agora os cristãos de

Esmirna seriam provados dentro de outro império — e Jesus diz: permaneçam fiéis também.

Quarta leitura: a interpretação historicista (dez dias = dez anos)

Para entender essa leitura, primeiro é preciso entender uma palavra: **historicismo**. Não se assuste com o nome — a ideia é simples.

Ao longo da história, cristãos desenvolveram maneiras diferentes de interpretar as profecias de Daniel e do Apocalipse. Uma delas ficou conhecida como historicismo: o historicista entende que determinadas profecias descrevem acontecimentos que vão se desenrolando através da história.

Alguns historicistas olharam também para as sete igrejas e disseram: elas existiram de verdade — Éfeso existiu, Esmirna existiu, Pérgamo existiu —, mas talvez exista também uma segunda camada, em que cada igreja representa um período da história da igreja cristã. Nessa leitura, Esmirna, por tudo o que Jesus fala de sofrimento, prisão e morte, representaria especialmente um período de perseguição.

E aí alguém olha para “dez dias” e pergunta: será que esse prazo representa um período maior? É aqui que entra a ideia de que **um dia profético pode representar um ano**.

Essa ideia não foi inventada para fazer uma conta fechar. Existem textos bíblicos em que um dia é usado simbolicamente para representar um ano:

✦ Os dois textos do princípio dia-ano

Números 14:34 — depois que os homens enviados para observar a terra prometida passaram quarenta dias ali e o povo se rebeliu: *“Segundo o número dos dias em que espiastes a terra, quarenta dias, cada dia representando um ano, levareis sobre vós as vossas iniquidades quarenta anos...”*

Ezequiel 4:6 — quando Deus manda o profeta Ezequiel realizar uma ação simbólica: *“...quarenta dias te impus, cada dia por um ano.”*

Então existe precedente bíblico para essa relação. Mas preste muita atenção nisto, porque é decisivo: **a Bíblia não estabelece uma regra universal**. Ela não diz “em toda profecia, sempre que aparecer a palavra dia, transforme obrigatoriamente em ano”. Nos dois textos acima, o próprio texto explica a correspondência. Em Apocalipse 2:10, não explica.

Aplicar a ideia aos dez dias de Esmirna, portanto, já é interpretação. Se você aplicar, a conta fica: dez dias proféticos, dez anos. E aí alguns intérpretes procuraram, na história, um período de aproximadamente dez anos de perseguição aos cristãos — e chegaram a uma história que começa no ano 303.

✦ 5. A Grande Perseguição (303–313)

Agora vamos avançar mais de duzentos anos depois da época em que João escreveu o Apocalipse. E, antes de contar o que aconteceu com os cristãos em 303, é preciso entender como o Império Romano estava sendo governado.

Como Roma era governada naquela época

O Império Romano era enorme: Roma havia conquistado territórios na Europa, no norte da África e em partes do Oriente. Administrar um território daquele tamanho era muito difícil — não existia telefone, internet nem avião, e uma ordem enviada de uma região a outra podia levar semanas para chegar. Além disso, o Império precisava lidar com guerras nas fronteiras, invasões, revoltas e disputas políticas.

Por isso foi criado um sistema em que **quatro governantes dividiam a administração do mesmo Império**, cada um responsável por uma região. Esse sistema ficou conhecido como *Tetrarquia*. Você não precisa decorar o nome; o importante é a ideia: um grande Império administrado por quatro governantes em regiões diferentes.

Dois desses homens são importantes para a nossa história:

- ✦ **Diocleciano** — tornou-se imperador em 284 d.C. e foi uma das figuras centrais dessa reorganização do governo romano.
- ✦ **Galério** — governava associado a Diocleciano e se tornou uma figura muito importante na perseguição aos cristãos.

Guarde a divisão administrativa, porque ela explica uma coisa que vem adiante: **a perseguição não aconteceu do mesmo jeito em todas as partes do Império**. Algumas regiões sofreram muito mais que outras.

Por que os cristãos foram perseguidos?

Naquele mundo, religião e vida pública estavam profundamente ligadas. Os romanos cultuavam vários deuses: havia templos, festas religiosas, cerimônias, sacrifícios — e muitas dessas práticas faziam parte da própria vida pública do Império.

Só que os cristãos acreditavam em um único Deus e confessavam Jesus como Senhor. Por isso não podiam simplesmente participar de qualquer culto ou oferecer sacrifícios a outros deuses como se aquilo não significasse nada. Para eles, seria idolatria. E, à medida que o cristianismo crescia, esse conflito ficava cada vez mais visível.

O que aconteceu a partir de 303

Diocleciano estava em **Nicomédia**, cidade muito importante daquela parte do Império e usada como residência imperial. Havia cristãos vivendo ali e havia um local onde a comunidade se reunia.

Em **23 de fevereiro de 303**, esse edifício foi destruído. No dia seguinte veio um *édito* contra os cristãos — uma ordem oficial do governo. A partir dali, não se tratava mais apenas de pessoas que não gostavam dos cristãos: eram medidas oficiais contra eles. Foi assim que começou o que ficou conhecido como a **Grande Perseguição**.

As medidas vieram em etapas, e cada etapa apertou mais:

- ✦ Os edifícios usados pelos cristãos deveriam ser destruídos e as cópias das Escrituras, entregues e queimadas; cristãos perderiam determinados direitos e posições.
- ✦ Em seguida, uma ordem atingiu diretamente os líderes: membros do *clero* — bispos, presbíteros e outros que exerciam funções de liderança e serviço nas comunidades — deveriam ser presos.
- ✦ Depois veio uma ordem oferecendo liberdade aos presos que aceitassem sacrificar aos deuses.

- ♦ E, por fim, uma exigência mais ampla: que se oferecessem sacrifícios.

Agora volte ao versículo: “*Eis que o diabo está para lançar alguns de vós na prisão...*” Não estou dizendo que isso prova que Jesus estava profetizando o ano 303. O que quero que você perceba é **por que**, séculos depois, intérpretes historicistas olharam para essa perseguição e enxergaram uma possível ligação com a carta de Esmirna. Porque prisão, ali, não era metáfora.

Imagine a cena: um cristão é levado diante de uma autoridade. Existe a exigência de participar de um sacrifício religioso. Mas ele acredita que fazer aquilo seria adorar o que não é Deus. Então se recusa.

E é justamente nesses que a gente quer prestar atenção: **nos que permaneceram fiéis**. Alguns continuaram presos. Alguns sofreram torturas. Alguns foram enviados a trabalhos forçados. Alguns foram executados. E existem relatos antigos de cristãos que, mesmo diante dessas ameaças, continuaram se recusando a abandonar a fé.

Não foi igual em todos os lugares

Lembra da divisão administrativa? Ela ajuda a entender o que aconteceu. A perseguição não teve a mesma intensidade em todas as regiões: em alguns lugares foi extremamente severa; em outros, aplicada de maneira muito mais limitada.

Por isso, quando falarmos em “aproximadamente dez anos”, não imagine dez anos em que todos os cristãos de todas as cidades sofreram a mesma coisa todos os dias. Não foi assim. A intensidade mudou conforme a região e o momento.

Eusébio de Cesareia: a testemunha

Eusébio foi um cristão que viveu exatamente nesse período. Nasceu no século III e mais tarde se tornou bispo de Cesareia, cidade importante da Palestina.

Ele é fundamental porque procurou registrar a história dos cristãos: reuniu informações, documentos, cartas, relatos sobre líderes, perseguições e pessoas que morreram pela fé. Dessa pesquisa nasceu uma grande obra conhecida como **História Eclesiástica** — “eclesiástica” significa “relacionada à igreja”, então o título quer dizer, basicamente, *História da Igreja*. Por causa dela, Eusébio se tornou uma das fontes mais importantes que temos sobre os primeiros séculos do cristianismo.

E há um detalhe que o torna especialmente importante aqui: **quando a Grande Perseguição começou, em 303, Eusébio estava vivo**. Ele não era um homem de séculos depois tentando reconstruir tudo por histórias distantes. Viveu aquilo. Conheceu pessoas que sofreram.

Uma delas era muito próxima: **Pânfilo**, estudioso cristão que teve grande influência sobre ele. Durante a perseguição, Pânfilo foi preso, permaneceu preso por um longo período e acabou morto por permanecer fiel. Eusébio também escreveu sobre cristãos que sofreram na Palestina — um relato à parte, dedicado a eles.

✦ O que Eusébio diz — e o que ele não diz

Ao escrever sobre aquele período, Eusébio usa uma moldura de dez anos e chega a mencionar o **décimo ano** da perseguição.

Mas Eusébio **não** está dizendo: “li Apocalipse 2:10 e descobri que os dez dias significavam esses dez anos”. Ele está registrando a história de uma perseguição que aconteceu na época dele. A ligação com os dez dias do Apocalipse é feita por *intérpretes*, depois.

São duas coisas distintas: **história** (uma grande perseguição começou em 303, e uma fonte cristã antiga a descreve chegando ao décimo ano) e **interpretação** (alguns leem os dez dias de Esmirna como esses dez anos).

Como a perseguição terminou

Não terminou de uma vez, no mesmo dia, em todas as regiões.

Em **311** houve uma mudança muito importante. Lembra de Galério? Ele acabou publicando uma ordem permitindo novamente que os cristãos existissem e se reunissem — conhecida como *Édito de Tolerância de Galério*. E há um detalhe impressionante: o documento chega a pedir que os cristãos orem pelo bem dos governantes e do Estado.

Mas isso não significa que a perseguição desapareceu de todo o Império no instante em que a ordem foi publicada. Em algumas regiões do Oriente ela continuou. Até que, em **313**, uma mudança mais ampla na política religiosa trouxe liberdade aos cristãos e determinou inclusive a devolução das propriedades que haviam sido confiscadas.

Daí vem a conta: 303... 304... 305... até 313. Uma moldura de aproximadamente dez anos. E daí vem também a ressalva, que agora você já conhece: não foram dez anos de perseguição idêntica em todo lugar.

✦ Essa interpretação é recente?

Não. A leitura historicista de Daniel e do Apocalipse existe há séculos, e diferentes pessoas tentaram entender os dez dias de Esmirna — alguns como dez anos, outros de outras maneiras.

Entre os que estudaram Daniel e Apocalipse relacionando profecia e história está **Isaac Newton** (1643–1727), o mesmo da gravidade e das leis do movimento. Newton dedicou muito tempo ao estudo desses dois livros, entendia que estavam profundamente relacionados, e parte desses estudos foi publicada depois da morte dele. Ele também associou os dez dias de Esmirna a um período histórico de perseguição.

Newton não aparece aqui como argumento de autoridade — “era um gênio, logo está certo” não funciona assim. Ele aparece para mostrar que essa interpretação não surgiu ontem: ela tem uma história longa de estudo.

✦ 6. Policarpo: “sê fiel até à morte” com nome e rosto

Agora precisamos voltar para Esmirna. Porque existe uma pessoa daquela própria igreja que torna a ordem de Jesus muito mais concreta.

Policarpo foi um cristão das primeiras gerações da igreja. Viveu entre o primeiro e o segundo século e se tornou um importante líder — mais tarde claramente identificado como bispo — da igreja de **Esmirna**. Repare: não mudamos de cidade. A carta que estamos estudando foi dirigida à igreja de Esmirna, e Policarpo foi líder da igreja de Esmirna.

Irineu: quem conheceu Policarpo pessoalmente

Talvez o nome Irineu não seja novo para você. Quando estudamos os nicolaítas, em Apocalipse 2:6, vimos um texto antigo de Irineu falando sobre eles. Irineu foi um importante líder cristão dos primeiros séculos e escreveu sobre diferentes grupos e ensinamentos que estavam aparecendo no cristianismo.

E há um detalhe muito importante: **Irineu conheceu Policarpo**. Quando era jovem, ouviu Policarpo ensinar. Muitos anos depois, escreveu sobre as lembranças que guardava dele — do jeito como falava, do lugar onde se sentava, do que ensinava. E dizia que Policarpo contava aquilo que havia recebido de pessoas que tinham convivido com o Senhor e estavam ligadas aos apóstolos.

Então, quando Irineu fala de Policarpo, não está repetindo uma história sobre alguém de séculos antes: tinha lembranças pessoais daquele homem. Isso faz de Irineu uma fonte muito importante para conhecermos Policarpo.

Quem contou a história da morte dele

Aqui é preciso separar duas fontes.

Irineu é quem nos dá as lembranças pessoais de Policarpo. Mas a história detalhada da *morte* vem principalmente de outro documento, conhecido como **O Martírio de Policarpo**.

E quem escreveu? Não temos o nome de uma única pessoa. O documento se apresenta como uma **carta enviada pela própria igreja de Esmirna** a cristãos de outra cidade, chamada Filomélio, e também a outras comunidades cristãs. Ou seja: é a própria comunidade de Esmirna contando a outros cristãos o que aconteceu com seu líder.

É um documento muito antigo — considerado uma das narrativas cristãs de martírio mais antigas que chegaram até nós fora do Novo Testamento. É dele que vêm os detalhes a seguir.

A perseguição em Esmirna

O documento mostra que Policarpo não foi o único a sofrer. Outros cristãos também estavam sendo perseguidos. Um deles é chamado **Germânico**: segundo o relato, enfrentou animais no estádio sem abandonar a fé.

E quando se fala em “estádio”, não imagine um estádio de futebol moderno: era um espaço público onde multidões se reuniam para assistir a diferentes tipos de espetáculos — e alguns deles envolviam animais selvagens, diante dos quais pessoas condenadas podiam ser colocadas.

Depois desses acontecimentos, a multidão começou a pedir por Policarpo. Ele era conhecido: um importante líder cristão daquela cidade. Então começaram a procurá-lo.

A prisão

Inicialmente Policarpo não queria sair da cidade, mas outros cristãos insistiram, e ele se retirou para uma propriedade no campo, acompanhado de algumas pessoas, passando muito tempo em oração.

Segundo o relato antigo, três dias antes de ser preso, Policarpo teve uma visão enquanto orava: viu o seu travesseiro pegando fogo. E disse aos que estavam com ele que acreditava que seria queimado vivo.

Depois mudou de lugar outra vez, mas os homens que o procuravam descobriram onde estava. Quando chegaram, ele ainda poderia tentar fugir — e decidiu não fugir. Segundo o relato, disse: *“Seja feita a vontade de Deus.”*

E aqui vem um detalhe impressionante: quando os homens que tinham vindo prendê-lo chegaram, Policarpo pediu que servissem comida e bebida a eles. Pense nisso. Aqueles homens tinham vindo prendê-lo — e ele manda alimentá-los. Depois pediu uma única coisa: tempo para orar. Permitiram. Ele orou. E então foi levado.

O julgamento

Policarpo foi levado ao estádio e colocado diante da autoridade romana responsável pelo julgamento. Foi pressionado a renunciar à sua fidelidade a Cristo.

Em determinado momento, mandaram que jurasse por César. E “César”, ali, não significa que Júlio César ainda estivesse vivo: o nome havia se transformado em um título ligado à autoridade imperial romana. Aquela exigência era, na prática, uma demonstração de submissão.

Também mandaram que insultasse Cristo. E ele se recusou. É nesse momento que aparece uma das respostas mais conhecidas da história do cristianismo antigo:

*Policarpo respondeu, em resumo, que havia servido a Cristo por oitenta e seis anos
e que Cristo nunca lhe fizera mal algum.
Como poderia, então, blasfemar do Rei que o salvou?*

Agora pare. E volte ao versículo. Jesus, à igreja de Esmirna: *“Sê fiel até à morte.”* Cerca de seis décadas depois: mesma cidade, um líder daquela igreja, diante de uma autoridade, pressionado a abandonar Cristo — e permanecendo fiel.

A morte

A autoridade tentou intimidá-lo. Primeiro vieram ameaças envolvendo animais; Policarpo não cedeu. Depois veio a ameaça do fogo; ele continuou sem renunciar a Cristo. Então prepararam uma fogueira.

Aqui é preciso uma pequena separação: o documento antigo relata acontecimentos que aquela comunidade cristã entendeu como extraordinários. Então, ao contar esta parte, digamos assim: *segundo o relato antigo*, quando o fogo foi aceso, as chamas envolveram Policarpo de maneira incomum e não consumiram imediatamente o seu corpo; então um executor foi chamado e o matou diretamente com uma arma, e o documento descreve uma grande quantidade de sangue.

E assim Policarpo morreu. Permaneceu fiel até a morte.

Há ainda um detalhe que costuma passar despercebido: o próprio documento, ao narrar o fim, fala de Policarpo tendo recebido **a coroa da imortalidade**. Aquela comunidade leu a morte do seu bispo com as palavras da carta que Jesus tinha enviado a ela.

Policarpo não entra neste estudo para resolver a questão dos dez dias. Ele entra para mostrar que perseguição era realidade em Esmirna — e que “fidelidade até a morte” não era uma ideia abstrata para aquelas pessoas.

✦ Linha do tempo: não misture as duas histórias

- ✦ **c. 95–96 d.C.** — data em que muitos estudiosos situam a escrita do Apocalipse. A carta chega a Esmirna.
- ✦ **meados do século II** — martírio de Policarpo, na própria Esmirna: cerca de seis décadas depois da carta. Mostra a realidade concreta da fidelidade até a morte naquela cidade.
- ✦ **284 d.C.** — Diocleciano se torna imperador; mais tarde, a administração do Império passa a ser dividida entre quatro governantes.
- ✦ **23–24 de fevereiro de 303** — destruição do edifício cristão em Nicomédia e primeiro édito. Começa a Grande Perseguição.
- ✦ **311** — Édito de Tolerância de Galério: cristãos podem voltar a existir e se reunir.
- ✦ **313** — mudança mais ampla na política religiosa: liberdade e devolução de propriedades confiscadas.

São **duas histórias diferentes**. Policarpo entra para mostrar o peso concreto de “sê fiel até à morte” em Esmirna. A perseguição de 303 entra quando estamos examinando a interpretação profética dos dez dias — e está mais de duzentos anos depois da escrita do livro.

✦ 7. “Sê fiel até à morte”

Depois do consolo, do aviso, do propósito e do prazo, vem a ordem. E ela é mais forte do que parece à primeira leitura.

Não é simplesmente “seja fiel durante toda a sua vida, até você ficar velhinho e morrer”. Dentro de um contexto de perseguição, a frase quer dizer: **permaneça fiel mesmo que a sua fidelidade o leve à morte**.

E agora volte apenas dois versículos. Olhe como Jesus se apresentou a Esmirna, em Apocalipse 2:8: “*o primeiro e o último, que esteve morto e tornou a viver*.”

Percebe? Quem está dizendo “sê fiel até à morte” é alguém que já passou pela morte. Ele não está mandando aqueles cristãos entrarem num território que desconhece. Ele foi antes. E voltou.

Ele não pede o que não fez.

O caminho que Ele manda atravessar é um caminho que Ele já atravessou.

✦ 8. “Dar-te-ei a coroa da vida”

Quando ouvimos “coroa”, imaginamos logo a coroa de um rei: ouro, pedras, trono. Mas o grego tinha duas palavras diferentes.

- ✦ **Diádēma** — a coroa do soberano, o símbolo de quem governa. No Apocalipse ela aparece na cabeça do dragão (12:3), da besta (13:1) e, no fim, de Cristo (19:12).
- ✦ **Stéphanos** — a grinalda entregue ao vencedor: a coroa de vitória, usada nos jogos e nas honras públicas. É esta a palavra de Apocalipse 2:10.

Então olhe o contraste. O Império pode olhar para aquele cristão e dizer: “você perdeu”. Perdeu a posição. Perdeu a liberdade. Talvez tenha perdido até a vida. E Jesus olha para o mesmo cristão e diz: “*eu te darei a coroa da vida*.” O poder humano ameaça com a morte; Cristo promete vida.

E há um detalhe que fecha o círculo com o estudo anterior. Lembra da colina de Esmirna, o monte Pagos, cujos edifícios no alto formavam um anel que os antigos comparavam a uma **coroa**? Aquela cidade convivia com a

imagem de uma coroa todos os dias, olhando para o alto. Jesus promete àquela igreja uma coroa que a cidade não podia dar nem tirar.

✦ A “coroa da vida” no restante da Bíblia

A expressão exata aparece só mais uma vez no Novo Testamento — e no mesmo tom: *“Bem-aventurado o homem que suporta a provação; porque, depois de aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam.”* (Tiago 1:12)

E há coroas irmãs: a **coroa da justiça**, prometida aos que amam a vinda de Cristo (2 Timóteo 4:8), e a **coroa da glória**, prometida aos pastores fiéis (1 Pedro 5:4).

Repare no padrão: em todas elas, a coroa não é conquistada — é *dada*. Jesus diz “dar-te-ei”.

Para guardar no coração

A tribulação tem prazo: “dez dias”.

A fidelidade não tem: “até à morte”.

E a promessa também não: a coroa é “da vida”.

✦ O que este versículo está me mostrando sobre Jesus?

Um Jesus que não esconde o sofrimento dos Seus. Ele não diz a Esmirna que nada ruim vai acontecer: avisa que existe prisão, provação, tribulação — e até a possibilidade da morte.

Um Jesus que, ao mesmo tempo, mostra que nenhuma dessas coisas tem a palavra final. Porque quem faz a promessa é justamente Aquele que se apresentou àquela igreja como o Primeiro e o Último, que esteve morto e tornou a viver.

E um Jesus que dá limite ao que dói e não dá limite ao que promete. Ele mede a tribulação em dias; mede a recompensa em vida.

✦ Aplicação para a minha vida

Primeiro: nem toda provação significa que Deus me abandonou. Às vezes é justamente a fidelidade que está sendo posta à prova. O peso sobre a ponte não é sinal de que ela foi esquecida pelo engenheiro.

Segundo: não medir a presença de Deus pela ausência de sofrimento. A igreja de Esmirna era amada por Jesus — é uma das duas únicas que não recebem nenhuma repreensão — e ainda assim Ele disse que ela sofreria. Dificuldade não significa automaticamente distância de Deus.

Terceiro: decidir antes da prova até onde vai a minha fidelidade. Quando chega a pressão, o medo, a perda, é muito mais difícil começar a decidir ali. Policarpo não improvisou a resposta dele no estádio: ele a vinha construindo havia oitenta e seis anos.

E vale a pergunta honesta: talvez eu nunca seja colocado diante da mesma situação daqueles cristãos. Mas todo cristão, em algum momento, descobre se a sua fé só funciona quando está tudo bem — ou se ela continua quando seguir Jesus começa a custar alguma coisa.

✦ Resumo do estudo

- ✦ **“Não temas”** — Jesus não promete ausência de sofrimento; promete presença dentro dele. São as mesmas palavras que Ele disse a João em 1:17.
- ✦ **“O diabo... na prisão”** — quem prendia eram autoridades humanas; o texto mostra que o conflito tinha também uma dimensão espiritual. “Alguns dentre vós”: não todos, e ninguém sabia quem.
- ✦ **“Postos à prova”** — a pressão não cria a fidelidade; revela se ela existe.
- ✦ **“Dez dias”** — quatro leituras: (1) dez dias literais; (2) uma medida que mostra sofrimento limitado; (3) uma possível lembrança da prova de dez dias de Daniel, num livro que já vinha usando imagens de Daniel; (4) a leitura historicista, que aplica o princípio dia-ano (Números 14:34; Ezequiel 4:6) e liga os dez dias à Grande Perseguição de 303 a 313.
- ✦ **História** — a Grande Perseguição começou em 303, sob Diocleciano e Galério; Eusébio de Cesareia, que viveu o período, a descreve numa moldura que chega ao décimo ano; terminou por etapas, em 311 e 313, com intensidade diferente conforme a região.
- ✦ **Policarpo** — líder da igreja de Esmirna, martirizado cerca de seis décadas depois da carta; conhecido por Irineu pessoalmente, e sua morte narrada numa carta da própria igreja de Esmirna.
- ✦ **“Sê fiel até à morte”** — dito por Aquele que esteve morto e tornou a viver.
- ✦ **“A coroa da vida”** — *stéphanos*, a coroa do vencedor; a mesma expressão de Tiago 1:12; e ela é dada, não conquistada.

✦ Versículos para ler junto

- ✦ **Apocalipse 1:17-18** — “Não temas; eu sou o primeiro e o último... estive morto, mas eis que estou vivo.”
- ✦ **Apocalipse 2:8-9** — a apresentação de Jesus a Esmirna e o que Ele enxerga naquela igreja.
- ✦ **Daniel 1:12-15** — a prova de dez dias.
- ✦ **Daniel 7:9,13** — o Ancião de Dias e o Filho do Homem, imagens que João retoma.
- ✦ **Números 14:34 e Ezequiel 4:6** — os dois textos em que um dia representa um ano.
- ✦ **Tiago 1:12** — a outra “coroa da vida” do Novo Testamento.
- ✦ **2 Timóteo 4:8; 1 Pedro 5:4** — as coroas irmãs.
- ✦ **Jó 1:6-12** — o acusador age, mas dentro de limites que não foi ele quem definiu.
- ✦ **Mateus 10:28** — “não temais os que matam o corpo”.

✦ Fontes e referências deste estudo

Tudo o que apareceu no vídeo, reunido aqui para você conferir e continuar pesquisando.

- ✦ **Bíblia** — Apocalipse 2:8-11; 1:7,13-14,17-18; Daniel 1:12-15; 7:9,13; Números 14:34; Ezequiel 4:6; Tiago 1:12; 2 Timóteo 4:8; 1 Pedro 5:4. Citações pela Almeida Revista e Atualizada.
- ✦ **O Martírio de Policarpo** — carta da igreja de Esmirna à igreja de Filomélio e às demais comunidades; uma das narrativas cristãs de martírio mais antigas fora do Novo Testamento. Dela vêm: Germânico e os animais no estádio; a retirada de Policarpo para o campo; a visão do travesseiro em chamas três dias antes; “seja feita a vontade de Deus”; a comida oferecida aos que vieram prendê-lo; o pedido de tempo para orar; a exigência de jurar por César e de insultar Cristo; a resposta dos oitenta e seis anos; a fogueira, o golpe do executor e a coroa da imortalidade.

- ♦ **Irineu de Lião** — líder cristão do século II que ouviu Policarpo quando jovem e registrou, décadas depois, lembranças pessoais dele. É também a fonte antiga que citamos no estudo de Apocalipse 2:6, sobre os nicolaítas.
- ♦ **Eusébio de Cesareia (c. 260–339)** — *História Eclesiástica*, e um relato dedicado aos mártires da Palestina. Testemunha contemporânea da Grande Perseguição; menciona o décimo ano dela. Discípulo de Pânfilo, preso e morto durante a perseguição.
- ♦ **História romana** — Diocleciano (imperador a partir de 284) e Galério; a divisão administrativa do Império entre quatro governantes (Tetrarquia); Nicomédia como residência imperial; 23–24 de fevereiro de 303, destruição do edifício cristão e primeiro édito; Édito de Tolerância de Galério, em 311; mudança de política em 313, com devolução das propriedades confiscadas.
- ♦ **Isaac Newton (1643–1727)** — estudos sobre as profecias de Daniel e do Apocalipse, publicados após a sua morte; exemplo de que a leitura historicista dos dez dias tem séculos de história.
- ♦ **Estudos anteriores desta série** — Apocalipse 2:6 (Irineu e os nicolaítas), 2:8 (a história de Esmirna e a colina em forma de coroa) e 2:9 (a pobreza, a pressão e o sentido de “acusador”).

✦ Para refletir

1. Jesus avisou antes. O que muda, para você, saber que Ele não esconde o que vem pela frente?

2. Existe alguma área da sua vida em que a fidelidade está sendo “posta à prova” agora — em que ser fiel começou a custar alguma coisa?

3. Você já mediu a presença de Deus pela ausência de dificuldade? O que a igreja de Esmirna diz sobre isso?

4. “Decidir antes da prova.” O que você quer decidir hoje, com calma, antes que a pressão chegue?

✦ Minhas anotações sobre Apocalipse 2:10

O que Deus falou com você neste estudo? Escreva aqui. Não precisa ser bonito. Precisa ser verdadeiro.

✦ Minha oração

Senhor Jesus, Tu que estiveste morto e tornaste a viver: obrigada porque a Tua promessa não depende de tudo dar certo. Quando a fidelidade custar, lembra-me de que Tu já atravessaste esse caminho antes de mim. Dá-me a coragem de decidir hoje o que eu quero ser amanhã, e guarda o meu coração da ideia de que dificuldade é sinal do Teu abandono. Eu quero a coroa que Tu dás — e quero, sobretudo, Aquele que a dá. Amém.

Ou escreva a sua própria oração:

✦ No próximo estudo

Apocalipse 2:11 — quem vencer não sofrerá o dano da segunda morte

A carta a Esmirna se fecha. E, depois de dizer “sê fiel até à morte”, Jesus faz uma promessa ainda mais forte a quem vencer — uma promessa que tem tudo a ver com vida, com morte... e com uma expressão que aparece pela primeira vez aqui: a *segunda morte*. O que ela é? E por que essa promessa é exatamente a que uma igreja ameaçada de morrer precisava ouvir?